

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT15.004

ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DAS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM: PERSPECTIVAS DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MARCIA SOUTO DA SILVA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA) da Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, Pará. Licenciada Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo IFES Colatina. E-mail: marcia.18.souto@gmail.com

MARCILENE DAMASCENO XAVIER

Licenciada Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Educação Especial e inclusiva. E-mail: marcia.damascenos@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho é resultado da observação de 2 h/a da disciplina de Língua Portuguesa na turma do segundo ano do Ensino Médio de uma Escola pública do município de Nova Timboteua- PA e da aplicação de uma entrevista com a professora de Língua Portuguesa. Nas duas aulas observadas, prevaleceram características concernentes à segunda concepção de Linguagem – Linguagem como instrumento de comunicação-, bem como na aplicação da entrevista, no primeiro caso por ter sido uma atividade embasada numa produção textual preocupada única e exclusivamente com a forma (coesão e a coerência), além de ter sido uma produção motivada por uma consequência –a reflexão de como seria a vida no futuro-, e na entrevista; a professora reforça a concepção de linguagem que pratica em sala de aula.

Palavras-chave: Produção textual. Leitura em voz alta. Escrita como consequência. Concepções de linguagem.

INTRODUÇÃO

Ao longo das décadas, o homem fez uso de diversas linguagens para que pudesse estabelecer uma comunicação com outros homens. Não é por acaso que essas manifestações das muitas linguagens são estudadas até hoje como instrumento capaz de fornecer informações para a área das ciências sociais e históricas, por exemplo.

Nas salas de aula, especialmente, no que diz respeito às aulas de Língua Portuguesa essa manifestação também é expressiva, pois compreender sua abrangência é um enorme desafio, uma vez que quase sempre a linguagem e seus usos da língua estão associados a um contexto de uso específico. Em face disso, convém citar Soares (2017, p.10) ao abordar que a língua se adequa às necessidades dos falantes e por isso “[...] para descrevê-la é necessário considerar os seus usos, pois ela é tanto um produto da cultura como também é o meio que possibilita a sua veiculação, tanto à atual quanto às futuras gerações”. Desse modo, a linguagem é contextual, visto que a produção de discurso demarca a interação com o mundo em seus diferentes contextos de produção e realização.

Ainda nesse viés, vale mencionar o postulado defendido por Andrade (2006, p.107) de que “é por via da linguagem que as pessoas se comunicam, se expressam, se localizam, transmitem suas crenças mais antigas, organizam e estruturam seu pensamento”. Afinal, a linguagem é a prática social pela qual a comunicação com o mundo é possível e junto com ela a transmissão de cultura, de valores, de crenças, de costumes, de tradições, isto é das características intrínsecas de ser de um povo.

A língua é heterogênea, organizada sócio historicamente, porém, nem sempre, essa visão predomina na prática diária nas salas de aula, posto que as concepções de linguagem intituladas como: expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação discutem o panorama dos aspectos de ensino da língua na sala de aula no que tange a leitura, escrita e produção textual.

Dessa maneira, é correto dizer que o fenômeno linguístico, bem como as concepções de linguagem sofrem mutações. Numa perspectiva diacrônica – mudanças ocorridas ao longo dos anos, do tempo - é possível depreender que não só o ato linguístico, a produção da fala muda, mas também, a forma como as linguagens foram entendidas ao longo dos anos, e é sob esse último aspecto que este trabalho se pauta – expor a concepção de linguagem a que pertence a atividade desenvolvida

na aula de Língua Portuguesa no decorrer das 2 h/a observadas e na aplicação da entrevista com a professora de língua materna-.

De acordo com Zanini (1999), na década de 1960, o ensino de Língua Portuguesa se limitava à expressão do pensamento, “A palavra de ordem era expor e transmitir conteúdos que deveriam ser dominados pelo aluno” (ZANINI, 1999, p. 80). Nesse sentido, as principais características dessa concepção resumem-se segundo Perfeito (2005) em: quem conhecia as regras da língua, escrevia/falava bem, pensava bem, pois esses estudos eram centrados no código da língua, um código fechado.

Segundo Zanini (1999), já na década de 1970, com os pressupostos saussureanos de signo linguístico e sistema de regras, passou-se a acreditar/pensar a língua como um código independente, (Linguagem como instrumento de comunicação); o ensino de Português segundo essa concepção está representado por atividades mecânicas de decodificação; de exercícios de internalização; valorização da norma culta, além disso, o texto é o único detentor de significados.

A partir da década de 1980 é que surgem as mais variadas teorias sobre a língua “[...] quer na sua descrição, quer nos questionamentos sobre as formas de melhorar o seu ensino [...]” (ZANINI, 1999, p.82) e na década de 1990 a concepção que passou a vigorar foi a interacionista (terceira concepção de linguagem- linguagem como interação-) de viés bakhtiniano em que a leitura permite inferências e deduções; a gramática se lança a desenvolver atividades contextualizadas e a produção textual está voltada para os gêneros discursivos, para a relação texto e leitor (ZANINI, 1999), e embora, a terceira concepção seja a ideal para o ensino de Língua Portuguesa é comum se vê traços recorrentes da primeira; da segunda e em alguns casos características das três.

O objetivo do relato é refletir sobre as concepções de linguagem a partir da observação de 2h/a da disciplina de Língua Portuguesa e da realização de uma entrevista com a professora V¹. A importância desse trabalho está no contato que o licenciando em Letras têm com a prática em sala, por permitir a autorreflexão e autoavaliação do licenciando e ao mesmo tempo da prática do licenciado e já atuante na área educacional, pois esse é o momento da descoberta de como pode/ precisa ensinar, atuar em sala. Por meio dessa reflexão, desenvolvida no relato de experiência, ele pode sugerir formas de ensino, apontando suas contribuições à

1 Por questão de ética, não mencionarei o nome da professora, daí a ideia do pseudônimo V.

aula e vice-versa, expor as dificuldades e as limitações, e tudo isso tende a contribuir positivamente para a atitude e atuação profissional desse futuro professor de língua materna, ao mesmo tempo em que promove reflexões para quem já é professor dessa área.

Para a realização desse relato, levaram-se em consideração os estudos desenvolvidos por Bakhtin/Volochínov (2010), Perfeito (2005), Menegassi (2005), Zanini (1999), no que concerne ao âmbito teórico-prático do ensino de Língua Portuguesa em sala de aula.

O resultado dessa pesquisa está organizado em duas seções e as considerações finais, na primeira seção, encontra-se a descrição detalhada das aulas onde há a relação entre teoria e prática. Na segunda, constam informações concernentes à formação da Professora V respondidas na entrevista e alguns comentários acerca da sua formação e a sua postura em sala e, por fim, as considerações finais, com as possíveis contribuições e as limitações ocasionadas pelo pouco tempo de observação.

METODOLOGIA

Esse estudo baseia-se na observação das 2 h/a aula de Língua Portuguesa, que aconteceram no dia 27 de abril de 2023, no segundo turno (de 16:00 às 18:00 horas), em uma turma do 2º ano do ensino médio, composta por 41 alunos de faixa etária entre 16 e 22 anos, localizada no centro da cidade de Nova Timboteua-PA.

A observação deu-se a partir dos registros escritos e fotográfico das atividades realizadas, posteriormente a isso foi aplicada uma entrevista semiestruturada com a professora regente a fim de conhecer seu histórico e formação e atuação como docente, além de representar uma tentativa de traçar seu perfil como professora à luz das noções de concepções de linguagem.

Convém ressaltar que a entrevista foi aplicada no mesmo ambiente com a professora V, porém, ao término da aula. Tal pesquisa foi consubstanciado pela pesquisa bibliográfica, por estar ancorada em estudos já realizados, ou seja, se detera: “[...] conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa (KÖCHE, 2006, p. 122)”, isto é, a pesquisa bibliográfica é base de qualquer pesquisa e como tal é base desta também.

1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O assunto da aula foi “*minha vida no futuro*” com abordagem dinâmica de produção textual em grupo e leitura dessa produção coletivamente. Os recursos didáticos utilizados foram quadro branco e quatro folhas de papel A4, nesse último, continha em cada folha uma frase escrita para que daí se iniciasse a produção de um texto envolvendo os assuntos. Tais recursos contribuíram para o desenvolvimento da aula de forma positiva, por ter contribuído para a proposta de reflexão e por ter proporcionado a participação de todo o alunado por meio de uma atividade coletiva e criativa em grupo em que cada membro contribuiu ativamente. Os alunos estavam bem à vontade, falavam alto, riam, e se divertiam ao lerem suas produções e a professora mostrava-se muito alegre, sua intenção e sua postura eram dinâmicas, salvo os casos em que ela falava e parecia estar conversando sozinha e os alunos estavam limitados a seus grupos.

Essa dinâmica aconteceu com quatro grandes grupos: três grupos com 10 membros e um grupo com 11. A atividade teve dois momentos, primeiro, momento de produção de um texto coletivo; segundo, produção individual de um epitáfio. No primeiro momento, cada grupo ganhou uma folha de papel A4 com uma frase que deveria norteá-los a produção de um texto em grupo, ou melhor, grupos. Os temas eram: vida financeira; vida afetiva; o laser; e por último a Saúde. Cada aluno deveria pensar em como seria a sua vida no futuro segundo um desses temas². Na folha que cada grupo ficou deveria ser escrito frases relacionadas com o seu tema, quando a professora batesse palmas a folha passava para o outro membro do grupo continuar de onde o colega havia parado e assim por diante até que o último componente do grupo escrevesse, a regra valia para os quatro grupos. Essa atividade do primeiro momento teve quatro rodadas que para fins didáticos estão transcritas uma a uma abaixo.

PRIMEIRA RODADA:

Todos os membros do grupo participaram, contribuindo com uma frase para o tema de que seu grupo era responsável, um componente seguia escrevendo até

2 No segundo momento que seria a produção de um epitáfio, cada aluno deveria escrever um texto individual de como seria a sua vida no futuro contemplando todos os temas.

que a professora batesse palmas, a partir daí o colega ao lado continuava escrevendo até que as palmas soassem novamente e ele passasse a folha para o colega, a regra era essa até que todos tivessem contribuído para o texto.

SEGUNDA RODADA:

Com temas diferentes do de início os grupos de 10 tinham que escolher 5 pessoas e o de 11 que poderia escolher até 6 pessoas, para lerem em voz alta, para todo o grupo a produção inicial do grupo que estava fazendo o texto e continuar com a produção, com a mesma regra, até que o som das palmas soassem e o colega ao lado ou o escolhido continuava.

TERCEIRA RODADA:

Agora, de novo com temas diferentes os grupos deveriam escolher entre si 3 pessoas para lerem em voz alta a produção secundária e continuar o texto sem finalizá-lo, mesma regra, assim que soassem as palmas a folha deveria passar para o colega até que o último escolhido contribuísse.

QUARTA RODADA:

O texto com o tema de origem retornava para os grupos de origem, agora com as contribuições de todos os grupos, cabe agora, ao grupo de origem escolher um componente do seu grupo para finalizar a história e assim fizeram.

Após a quarta rodada, a professora convidou os alunos a organizarem as cadeiras e pediu que um membro de qualquer grupo fosse a frente ler a produção final para toda a turma. A aluna que levantou era do grupo de 11 pessoas cujo tema era Vida financeira, a leitura para toda a turma foi interessantíssima, pena que o tempo só permitiu que uma leitura fosse realizada.

A proposta de atividade foi muito criativa e dinâmica, todos os alunos contribuíram ativamente. No entanto, talvez essa atividade de rodadas tenha tomado muito tempo da aula, poderia formar grupos menores, assim a quantidade de rodadas diminuiria e o tempo fosse mais bem aproveitado, porventura desse até tempo de lerem todas as produções e na próxima aula eles já viessem com o segundo

momento da atividade, que seria a produção individual de seu epítáfio ou uma possível reescrita.

Embora a proposta de atividade em sala tenha sido dinâmica isso não quer dizer que a atividade tenha sido enviesada nos princípios de interação verbal³ propostos por (Bakhtin/Volochínov, 2010), no que tange ao campo linguístico e aperfeiçoados algum tempo depois, no Brasil, por Geraldi, voltados para o ensino de Língua (as concepções de linguagem).

Dessa maneira, a concepção de linguagem que vigorou foi a da “linguagem como instrumento de comunicação”, uma vez que no processo de produção textual não houve um planejamento do texto, fazendo com que a coesão e a coerência ficassem comprometidas, nessa concepção não são contempladas as etapas de revisão e reescrita conforme postula Menegassi (2011).

Mediante isso, usou-se o texto apenas como pretexto para o ensino de gramática, visto que o enfoque foi relegado aos usos corretos dos conectivos, por intermédio da repetição, a esse respeito, Perfeito (2005, p.36) explicita: “no ensino da gramática tradicional, focaliza-se o estudo dos fatos linguísticos por intermédio de exercícios estruturais morfossintáticos, na busca da internalização inconsciente de hábitos linguísticos, própria da norma culta”.

Além disso, a produção está atrelada a uma consequência que representa nesse sentido, a segunda concepção de escrita⁴, e ainda que haja a abordagem dinâmica de relação interacionista (intencional ou não), o que prevalece é a segunda concepção de linguagem.

Afinal, configura-se como característica intrínseca à segunda concepção, denominada de: linguagem como instrumento de comunicação, segundo Zanini (1999) intenso processo de atividades mecânicas de decodificação, de exercícios

3 Houve superficialmente, uma tentativa de terceira concepção (Linguagem como forma de interação); já que a atividade proposta fez com que todos interagissem. Foi possível vê também características de primeira concepção (linguagem como expressão do pensamento), marcada pela presença da leitura em voz alta. Porém, a que prevaleceu do início ao fim foi a “linguagem como instrumento de comunicação” o que pode ser comprovado se pensarmos na proposta de atividade, no papel do texto dentro dessa proposta, além, das respostas ao questionário.

4 Com relação a isso ver: OHUSCHI; MENEGASSI. *As concepções de escrita nos estágios supervisionados*. Anais do X SEMANA DE LETRAS – A Hora e a vez da Palavra, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Jandaia do Sul, Jandaia do Sul-PR, 25 a 29 de setembro de 2006. Autores que fazem uma leitura das concepções de leitura propostas por Sercundes, (1997).

de internalização, valorização da norma culta, além de preenchimento de lacunas, tal como realizado nas etapas que se seguiram durante as rodadas de atividades.

Em relação a teoria e prática, segue abaixo a transcrição do texto⁵ produzido pela equipe de 11 pessoas, que inclusive foi o único texto lido em sala de aula após a realização de todas as etapas da dinâmica:

VIDA FINANCEIRA

Sobre a minha vida, eu pretendo ser bióloga, quero exercer essa profissão pelo salário, acho que não pelo gosto, mas sim também pelo gosto de ser bióloga, por que é uma profissão muito boa, saber coisas da natureza com função na vida dos animais, aprender mais sobre eles, como quais eles podem sobreviver.

A vida dessa especie e interessante para que todos saibam como vivem, essa profissão tem vários recusos. Dependendo de meus esforços, conseguirei um emprego cuja o Salário seja alto e tenha boas companhias, quero num futuro poder comprar tudo o que eu quero, quero por que essa profissão da muito dinheiro.

*Pretendo me esforçar para ser independente na minha profissão, dar bons resultados no meu trabalho para ter um alto salario ter muito dinheiro para ajudar o proximo e ser uma pessoa com carater e uma pessoa do bem e bom carater que tenha dinheiro mas nao seja egoista mas divida o pão com meus amigos ter **ma pessao ao tentação** contribui com meus amigos e parente meus bens materiais ter uma uma vida muito boa e cuidar da minha saude e ser sempre uma pessoa que ajuda o proximo porque assim como preciso eles também, porque hoje em dia eles tem dinheiro mais não querem ajudar o proximo e nem dividir um pedaço de pão, com Meus AMIGOS E FAMILIARES, E ter uma vida boa para que no futuro eu tenha o prazer e o orgulho de falar que tive uma boa vida, quero ser feliz não rico, prefiro uma vida financeira de classe média e não sonho com grandes coisas materiais.*

Quero trabalhar e não depender de ninguém, e prosperar.

Tudo isso que espero pra minha vida, pretendo realizar, se assim Deus permitir.

A dinâmica da aula foi produtiva para a produção textual, já que todos os alunos participaram. Porém, a escrita dos alunos em alguns pontos não faz sentido,

5 Essa é única transcrição da atividade realizada em grupo em virtude de ser a única que foi lida para toda a turma em decorrência do tempo de aula que se esgotou, as demais produções (as três outras) encontram-se em anexo no final desse trabalho e o segundo momento da atividade (que seria a produção de um epitáfio) não aconteceu também em decorrência do tempo.

eles se contradizem ao longo do texto, a grafia das palavras está inadequada, têm palavras que não estão acentuadas, colocam letras maiúsculas no meio das minúsculas, o que significa dizer que, eles (a maioria), não têm domínio da norma culta da língua e não sabem utilizá-la.

Além disso, a atividade de rodadas tomou muito tempo da aula, tanto é que o texto acima foi o único que foi lido para toda a turma em virtude do tempo de aula que já se esgotara, mas segundo a professora V a aula da próxima semana iria retomar a essa atividade e discutir dentro do texto que eles (os alunos) produziram, em forma de *slids* (no *power point*), assim como, a coerência e a coesão e os aspectos que permitem a progressão textual, sugerindo a reescrita individual em forma de epítáfio do texto coletivo, o que é um aspecto positivo, uma ideia muito boa para iniciar a conversa sobre a produção textual como trabalho⁶ concebendo o texto como mais que uma atividade de consequência e pretexto para algo tal como foi a proposta do início da aula.

Essa proposta de reescrita mencionada pela professora é muito pertinente, e igualmente desafiadora, pois parte-se do princípio da escrita como trabalho para lembrar a expressão compartilhada por Geraldi (2015), nessa acepção, o professor precisa ser, junto com os alunos também autor, não se trata apenas de corrigir, mas indagar, questionar, possibilitar a reflexão do aluno, direcioná-lo aos “por quês”, o professor precisa ser o mediador do processo, em síntese: “Trabalhar entre o sabido e o potencial é a forma de mediação do professor, que se torna assim um coautor dos textos de seus alunos: faz junto e ambos avançam em suas capacidades de produção de novos textos (GERALDI, 2015, p. 170)”.

2 PERFIL INFORMATIVO DO PROFESSOR ENTREVISTADO E TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Quanto ao perfil formativo da professora V, ela é formada em Letras pela UFPA, formou-se em 2003, tem especialização em Língua Portuguesa e análise literária pela UNAMA, com relação aos cursos complementares ela fez orientação do Pnaic; Ensino de Língua Portuguesa e da Matemática pela UFPA. Suas principais atividades profissionais foram: educação digital, formação de saberes interdisciplinares,

6 Terceira concepção de escrita ligada a terceira concepção de linguagem.

letramento e alfabetização. Seguem abaixo as informações prestadas no questionamento da entrevista.

a) Para você, qual é o objetivo do ensino da Língua Portuguesa?

“Bem deve se ensinar aquilo que o aluno ainda não sabe. Escrever, escrever, escrever...”

A professora acredita que a escrita é o que o estudante deve aprender e que cabe a ela ensinar, e sabe-se que o ensino de Língua Portuguesa não deve se limitar apenas a produção textual. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 32) o objetivo geral do ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental é:

utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (BRASIL, 1998, p.32).

Desse modo, o ensino de língua portuguesa deve pautar-se na produção de textos orais e escritos além da escuta e leitura desses textos. Logo, escrever não é o único objetivo das aulas de Língua Portuguesa. Vale ressaltar que, esse é apenas um dos vários objetivos da língua portuguesa, e ainda, no ensino fundamental – no ensino médio (que é o ciclo de atuação da professora V); esses objetivos são complementados-; ela parece desconhecer tais objetivos, pois sua fala sugere que a única coisa que o aluno não sabe é escrever, e que por isso, a produção de escrita precisa ser trabalhada com frequência.

Essa noção de ensino é antiquada e por vezes até preconceituosa, visto que não leva em consideração o teor formativo e humano, desempenhado pela produção da escrita, manifestação da oralidade, e aquisição contínua da leitura, os pilares essenciais da área das linguagens e que propiciam ao aluno e cidadão a interpretação (ões) do mundo a que faz parte.

b) Como você concebe a língua (gem)?

“A linguagem deve ser entendida como um processo facilitador de saberes, descobertas e aprendizados significativos”.

Para a professora V, a linguagem deve ser um processo facilitar de saberes - e esse processo só é possível pela interação-, logo a professora conhece mesmo que em teoria a 3ª concepção de linguagem. Para Zanini, (1999, p.84) "A [...] produção advém de um processo contínuo de ensino/aprendizagem". Desse modo, o ensino/aprendizagem é resultado da vivência e das influências pela qual o aluno passa no decorrer do tempo e da vida e é a partir dessas experiências que o faz refletir para que aprender, que o ato de aprender passa a ser significativo para ele.

c) Durante o curso de graduação (ou pós-graduação), você estudou sobre as concepções de linguagem e sua influência no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa?

"Sim. Estudei na graduação".

Nessa questão, a professora afirma que estudou sobre as concepções de linguagem, mas não fala sobre a influência no processo de ensino e aprendizagem, foi uma resposta muito vaga para quem diz conhecer as concepções de linguagem, ela apenas disse que sim e onde estudou, talvez por achar desnecessário falar como se deu tal processo ou por não ter compreendido que eram duas perguntas em uma.

d) Em algum curso de formação continuada (ou projeto que tenha participado), você obteve conhecimento sobre as concepções de linguagem? Se a resposta for afirmativa, responda se houve alguma alteração em sua prática de sala de aula após ter esse conhecimento (especifique).

"Com certeza. Depois que iniciei as formações do pacto eu aprendi tantas coisas quanto sistema de apropriação da escrita, da linguagem que minha prática não é a mesma".

Ela não responde nada sobre a forma como são discutidas as concepções de linguagem por diversos autores. Há uma fuga ao questionamento de como se deu a sua postura em sala de aula depois que conheceu o pacto, ela poderia ter dito como era antes e como é agora, porém, preferiu manter-se distante influencia na postura de educadora que ela afirma ter tido influência.

e) Como tem sido o modo como você ensina gramática?

"Aí meu Deus, eu gosto de contextualizá-la, pois ensinar de forma mecanicista é perda de tempo. Temos que ensinar para que o aluno veja sentido no que está aprendendo".

Aqui, a expressão do “Aí meu Deus” pode ser interpretada como um espanto, um susto, um ímpeto ao mencionar a gramática e mesmo que ela diga que gosta de contextualizar o ensino de gramática, prevalecem em suas aulas traços de 1ª, 2ª e 3ª concepções, a segunda mais marcada que as demais.

- f) Qual (is) tipo (s) de exercícios predomina (m) no ensino dos aspectos gramaticais: () Exercícios de seguir o modelo.
() Exercícios de completar as lacunas.
() Exercícios de retirar/assinalar elementos do texto.
() Exercícios de classificar/reconhecer classes de palavras.
“(x) Exercícios que mostrem a função dos elementos gramaticais no texto, refletindo sobre seus efeitos de sentido”.

Talvez, ela tenha dado essa resposta por ser uma questão de marcar e que aparece nas orientações e documentos oficiais quanto ao ensino de gramática. Porque nas questões anteriores ela se desvia das indagações sobre as concepções de linguagem e agora simplesmente afirma contextualizá-la, mas parece ter medo de fazê-lo, como pode ser comprovado na passagem da resposta da questão E “Aí meu Deus”, talvez por ser mais trabalhoso, além do mais levando-se em conta a observação das aulas não foi possível ver como se dá o que ela diz na teoria e como age na prática no que diz respeito ao ensino de gramática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grade questão envolvendo as discussões sobre a língua/linguagem na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* era “isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo específico” (Bakhtin/Volochínov, 2010, p. 74); mais tarde essas discussões se ampliaram e especialmente na década de 1980 ou “a década dos discursos [...] período mais rico em teorias sobre a língua” (ZANINI, 1999, p. 82) e que veio a ser reforçada em 1990, “a década da interação” em que “[...] o ensino de língua materna se realiza tentando costurar num único processo a teoria e a prática” (ZANINI, 1999, p.83) com isso, a concepção de linguagem que passou a vigorar foi a interacionista/discursiva e embora seja esta a ideal para o ensino de língua ainda se vê professores em formação e em atuação seguidores de primeira concepção, segunda concepção e em raros casos uma mescla das três concepções.

Ainda com relação à mesclagem, embora a professora não diga na entrevista como o seu conhecimento acerca das concepções de linguagem influenciaram na sua didática pode-se dizer que mesmo que superficialmente, foi o caso dessa observação, (aqui contextualizadas em forma de relato de experiência); em que aparecem traços marcadamente visíveis da primeira (Linguagem como expressão do pensamento); especialmente no que tange a leitura em voz alta que esteve presente em todo o decorrer da produção em grupo; de segunda (linguagem como instrumento de comunicação); no sentido do cuidado com a forma, com a atividade de seguir o modelo e de terceira concepção (linguagem como forma de interação); na dinâmica da atividade proposta em grupos que fez com que os alunos interagissem e de uma possível reescrita na próxima aula que a professora V afirmou que faria.

Em suma, mesmo reconhecendo essa possível mescla, a concepção de linguagem que prevaleceu do início ao término foi a segunda e apesar de a produção ter sido enviesada na “linguagem como instrumento de comunicação” a turma conseguiu participar ativamente, produzir e quiçá refletir sobre suas vidas no futuro e suas escolhas por meio de uma atividade criativa, partindo-se do individual para o coletivo e vice-versa.

Assim, o maior desafio da aula tenha sido possivelmente enfrentar a falta de tempo. Pois, a atividade de rodadas parece ter tomado muito tempo da aula, se os grupos fossem menores a quantidade de rodadas diminuiria e o tempo eventualmente fosse mais bem aproveitado, porventura desse até tempo de lerem todas as produções e na próxima aula eles já viessem com o segundo momento da atividade, que seria a produção individual de seu epítáfio em forma de reescrita ou revisão da escrita em grupo. Não foi possível vê na observação das 2h/a como se dá o que a professora V diz (na entrevista) acerca da gramática e como age na prática de ensino desta. Em virtude, de o tempo de observação ter sido relativamente pequeno em relação ao semestre e também por essa atividade “*minha vida no futuro*” ter sido a iniciadora das atividades da disciplina de Língua Portuguesa do ano letivo da Escola.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Karylleila dos SANTOS. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**: Atito. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2006.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 14ª ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, J. W. Mediações pedagógicas no processo de produção de textos. In: GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João, 2015. p. 165-182.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 23. ed. Vozes, Petrópolis, 2006.

MENEGASSI, R. J. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 14, n.2, p. 479-501, jul/dez. 2011.

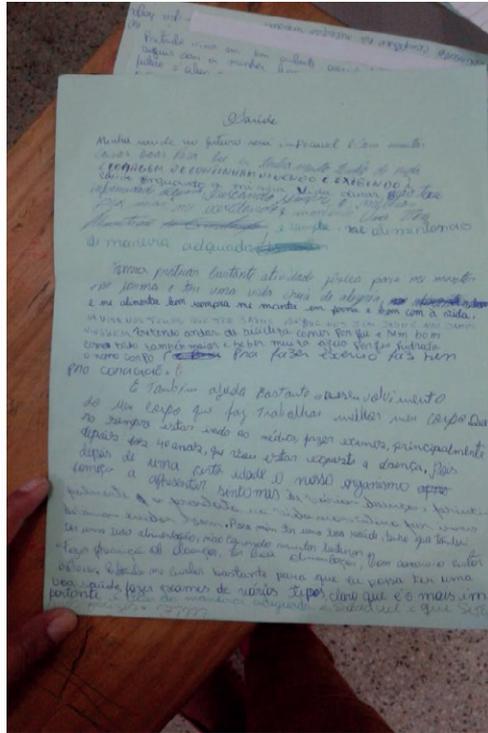
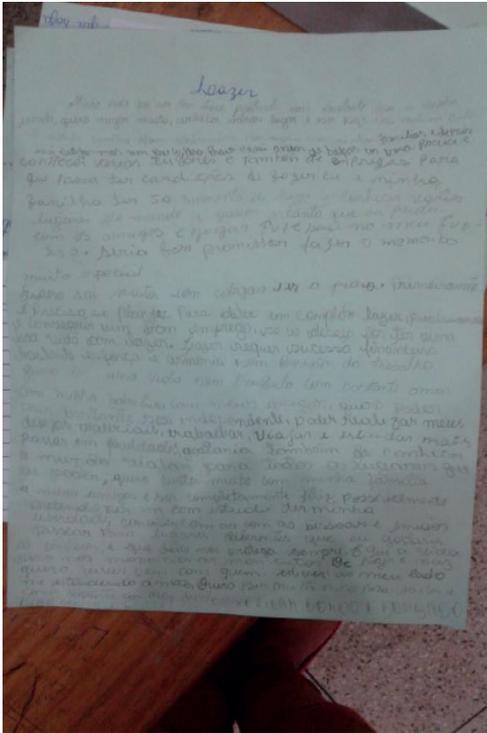
MENEGASSI; OHUSCHI. As concepções de escrita nos estágios supervisionados. Anais do X semana de Letras – **A Hora e a vez da Palavra, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Jandaia do Sul**, Jandaia do Sul-PR, setembro de 2006.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa** (Formação de professores EAD 18). V. 1. Ed. 1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

SOARES, Juciany de Lima. **Os Termos da pesca na vila dos Pescadores de Ajuruteua (Bragança-PA)**: uma abordagem socioterminológica. Dissertação de mestrado, Bragança-PA, 2017.

ZANINI, M. **Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna**. Acta Scientiarum. Maringá- Paraná. Volume 21. p. 79-88. 1999.

Texto sobre a Saúde



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS

Instituição Fomentadora: UEPA

Curso de duração entre 40h a 60h: _____

Instituição Fomentadora: _____

Curso de 60 a 100h: Curso da língua Portuguesa, da Alemanha

Instituição Fomentadora: UEPA

Curso de duração superior a 100h: _____

Instituição Fomentadora: _____

3. PERFIL PROFISSIONAL

3.1 Trajetória Profissional

Principais atividades (profissionais ou não) desenvolvidas:

a) Atividades de ensino Período: _____

b) Formação de novos professores Período: _____

c) Atividades de pesquisa Período: _____

d) etc. Período: _____

4. QUESTIONAMENTOS

a) Para você, qual é o objetivo do ensino da Língua Portuguesa?
Desenvolver a escrita e a leitura, e o aluno ainda não sabe escrever e ler, e a escrita.

b) Como você concebe a linguagem?
A linguagem deve ser entendida como um processo que ocorre de maneira dinâmica e apropriada ao contexto.

c) Durante o curso de graduação (ou pós-graduação), você estudou sobre as concepções de linguagem e sua influência no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa?
Sim, estudou na graduação.

d) Em algum curso de formação continuada (ou projeto que tenha participado), você obteve conhecimento sobre as concepções de linguagem? Se a resposta for afirmativa, responda se alguma alteração em sua prática de sala de aula surgiu por esse conhecimento (especificar):
Sim, depois de estudar sobre o sistema de escrita da língua portuguesa, percebi que muitos alunos não sabem ler e escrever, e isso me fez mudar minha prática de ensino.

e) Como tem sido o modo como você ensina gramática?
De forma contextualizada, e sempre com exemplos práticos que os alunos possam entender e aplicar.

f) Quais (tipos) de exercícios predominam no ensino dos aspectos gramaticais?
 Exercícios de seguir o modelo.
 Exercícios de completar as lacunas.
 Exercícios de retr/assinlar elementos do texto.
 Exercícios de classificar/reconhecer classes de palavras.
 Exercícios que mostram a função dos elementos gramaticais no texto, refletindo sobre seus efeitos de sentido.

2. PERFIL FORMATIVO

2.1 Nível de Escolaridade

Magistério

Graduação

em andamento incompleto concluído

Curso: Letras

Instituição Formadora: UEPA Local: _____

Ano de conclusão: 2003

Modalidade: presencial semipresencial à distância

Pós-Graduação

Lato Sensu/Especialização: não cursou em andamento concluído

Área do curso: Língua Portuguesa e ensino de Língua

Modalidade: presencial semipresencial à distância

Instituição Formadora: UEPA Local: _____

Stricto Sensu/Mestrado: não cursou em andamento concluído

Área do curso: _____

Modalidade: presencial semipresencial à distância

Instituição Formadora: _____ Local: _____

Stricto Sensu/Doutorado: não cursou em andamento concluído

Área do curso: _____

Modalidade: presencial semipresencial à distância

Instituição Formadora: _____ Local: _____

Formação Complementar (referente aos últimos 5 anos):

Curso de duração inferior a 40h: Artes e Ofícios de Arte